

Sei em mim dessa arqueologia da descoberta. Apodera-se de mim um desejo impossível: alterar minha temporalidade para conter tanta vida ainda por viver. Dividido entre o que me consola e o que ambiciono mais, confirmo que não estou vivendo apenas de ilusões. Darei a qualidade de concreto a tudo que me fascine e me revele como autor da minha própria história.

Não me pesa dizer-lhes aquele que me tornei, já que, desfigurado, jamais me reconheço. Finco uma declaração definitiva, perpetuando as convicções plantadas na minha fundação. Estou em harmonia com a natureza que, generosa, permite sua presença em mim. Faço minhas aquelas graças facilitadoras as experiências dos afetos vividos.

Quanta inocência dorme contigo? Quantos sonhos cabem na tua cabeleira desatada? Teus gemidos de dor ou de prazer declaram a dúvida sem resposta que toma o caminho do esquecimento. Deitada sobre ti mesma, levemente curvada, revelas estar desarmada, entregue, seminua. Meu desejo é ser tua cama, dar-te repouso todas as noites, esperar-te todos os dias.

Volto ao passado, procuro fixar o motivo que me tornou capaz de perceber que não deveria reduzir o mundo, nem limitar minha ambição. Componho minha realidade nomeando meus afetos, atinjo lugares e pessoas, revejo sem julgar, já que não tenho o direito nem a possibilidade de modificar o acontecido. O primeiro ponto será aceitar isso. Por prudência, deixo uma certa margem para que as decepções impostas pelas limitações não me dispersem o prazer de imaginar e de reinventar um futuro repetindo o passado, combinando entre os dois, surpresas, um repertório de coisas já sentidas, reaproveitadas em fusões. Retiro personagens das cenas, incluo um tempo no outro, e assim sigo minha atividade de ir e vir, passeando entre o que sou e o que permanece em mim.

Um conglomerado de motivos causa-me uma harmonia que concilia todos os desencontros que as minhas contradições ditam. Confiro, no fundo do meu coração, o que a razão não alcança ver. A vida imprime e reúne, sem ordem, a aparição de pessoas vindas dos mais diversos lugares, cruzando histórias, procurando-se uns aos outros, alternando confrontos e decepções, esperando a hora de encontrar e manifestar a alegria guardada, congratular com os amigos, juntar-se aos que com coragem confessam sua solidão adquirida pela desistência, pelas sujeições do passado, por feridas mal curadas há mais de um tempo toleradas.

Padeço dos males que todos os que amam padecem. Convoquei a amada ininterruptamente, prestigiei seu nome, proclamei acolher dobrado, dei sinais com gestos, olhares, silêncios, infindáveis esperas, risos frouxos, vocação duplicada, palpitações, sinais regulares de lirismo e segredos compartilhados. Celebrei quando me oferecestes o que todos queriam.

Chegaste como uma seta no alvo, aconteceu, oportunizaste-me encontrar-te, vieste a tempo de assistir-me primaveril. Menti que inventei um poema de Vinicius, que fui autor de um livro que ensina a cuidar e que me livre de todas as amarras para te presentear o mundo, que te farei todos os gostos, que meus ciúmes serão suportáveis, que controlarei as distâncias, que curarei cicatrizes e que, se tiver que partir, deixarei algumas, apenas mágoas e muitas saudades.

Isto de contemplar na natureza tudo o que posso, me entretém, até a última lembrança, até a hora da partida. Recolho as provas que me faltavam para criar livre e amplamente. Retomo o esquecido, tornado desuso, e em pouco tempo reúno os produtos obtidos, as vivências desligadas, as lembranças negadas. Colocando-me no papel de avaliador, perguntava-me se tentativas, dadas por inspiração, terão o mesmo resultado que reunir por declaração ou ingênua intenção.

Para seguir vivendo, recupero esta parte da vida, com a condição de voltar à cozinha, beber na caneca ágata, pedir com o prazer máximo o feijão com arroz humilde e conhecido. Incluo o sorriso de minha mãe a temperar o humor de todos. Grito e calo quando ouço a lembrança voltar emudecida e nada se instalar. O tempo me retribui à fidelidade, vai-se meu contentamento, a alegria da infância. Preciso da permanência desse prazer.

Caminhos já andados, reservo as façanhas que requerem atualização. Fecundo o olhar que inveja a recorrência da primavera, insistente em subverter o descuido, surda aos anúncios da maldade. Decifro olhos atormentados, pedidos fastidiosos com a demora. Abraço-me cúmplice à desesperação, empresto asas, já não é possível a ausência do perigo, já não há devolução. Dada a evidência não se pode ser o senhor dos tempos nem se viver no

espaço desejado. Há que pactuar, saber que os acordos se rompem e as mudanças fazem temer. Não há sossego para os medos, a vida continua.

Desobrijo-me das culpas que não são minhas, retorno menos denso o agravamento que ramifica violências em cada injúria. Recairão sobre mim acusações por minha resistência defender minha vontade de evitar e encurtar as dores que não são minhas. Elejo afetos amorosos, digo-me onde colhê-los. Multiplico o interesse até torná-lo uma fonte recomendável de prudência, de cortesia e afeição. Ficarei feliz em aumentar meu desejo de concentrar todo acolhimento que aproxima uma convivência suave, íntima, até restituir uma lembrança que sirva de guia.

Ainda que me custe, pesa sobre mim um adiamento que me enche de asperezas, criva meus sentidos de arrependimentos reveladores. Um amontoado de razões não foi o suficiente para suportar esse sentimento que carrega minhas culpas. Habituei-me a transformar em decepção minhas limitadas esperanças tornando particulares as tristezas. Desconfiado, proponho-me novos interesses menos complicados, renuncio aos domínios. Estou ávido de pousar meus cansaços. Sinto-me desabitado.

Aguardo que se me revele desde onde essa dor incendeia minhas penas. Coisas pouco cordiais, como o abandono, comprometem a vida. Ainda uso velhos argumentos, me apoio nas mesmas virtudes de sempre, me encarrego de neutralizar os exageros mais extremos para fazer jus a uma balança cravada no meu outubro. Ainda pratico o vício de ter saudade, uso lápis, borracha, me espanto enquanto cismo em recordar. Procuo um motivo antigo para manter alguma alegria, desenvolverei um jeito de não ficar triste, inventarei corredores paralelos que escoem as mágoas. Busco, sobretudo, não desperdiçar a próxima hora, já que ela jamais será; farei do lugar em que movo motivo para guardar na memória amores de todas as épocas.

Sai da minha memória o cheiro do pão. Devagar, às quatro da tarde, caminho em direção à mesa do café, que vazia espera o meu sentido inventor. Dividido e descuidado, devo alimentar o fogão com a lenha. Adoto um completo estado de generalizadas tarefas. Alcanço reunir um simples feixe de coincidências, pouco ofertadas, forjadas como sinceras e gentis lembranças que se oferecem quase reais. Inunda minha mente o cheiro dos sonhos fritos, a mão generosa que os moldava, o açúcar, a canela, envolvidos em afeto.

Nomeio aqueles gestos mais simples que dão asas aos anjos para chegar a cada novo desembarque, a cada nova etapa, aceitando retomar as negociações com o tempo perdido e as convicções esquecidas.

Nomeio aqueles gestos mais simples que dão asas aos anjos para chegar a cada novo desembarque, a cada nova etapa, aceitando retomar as negociações com o tempo perdido e as convicções esquecidas.

Vida, tenha-me uma gentil consideração, ainda que seja somente a última; faça-me a oferta do sossego. Então não precisarei render-me, e tentarei a captura do perdão, descobrirei uma forma de repartir sonhos e conceder generoso tempo ao devaneio. Preciso ter alguma luz para não estranhar o reencontro com a alegria.

Fico na espera. Logo chegará, antes que seja tarde, uma novidade que ninguém sabe que vai acontecer. Virá pelo resultado, pela atração. Virá para adoçar as penas, aquecer a desatenção, acolher motivações até encontrar um outro similar que lhe faça sentido.

Um hábito, me diz que a vida é rica para alguns e pobre para muitos. Pensar em discordância, somente se a aptidão de negar for posta em uso. Como a vida torna necessário acordar no dia seguinte, hostilizo a paz que por cansaço me adormece.

Sonho, sem saber o motivo, preciosas e mágicas imagens. Imagino tardios reencontros, possibilito o impossível, inauguro-me audaz, corajoso, restaurador. São sonhos marítimos, aeronáuticos, fogosos, fugazes, eróticos. Neles, renovo chances, revanches, corrijo e manipulo o tempo.

Sobre a felicidade que me inspiras, adivinho momentos grandiosos, novos sabores, risos que abrem novos caminhos e convidam a jogar para ganhar, inventando a combinação necessária entre o sonho e a vida. Celebro em voz alta esta decifração que evoca dedicação para a conquista.

Decido, por fim, comportar-me como todos: evito contrariedades, finjo aceitações, aturo os inconvenientes, amasso o pão junto com o diabo, tudo para não perder o efêmero

contentamento, servido para a ocasião. No fim, recolho as velas aparentando estar livre das contrariedades, livre de esforços, saindo fiel como me propus, sem alterar os ânimos, cordial na despedida, tendo a vida como uma companheira que aceitou estender minha permanência e descobrir tudo o que poderei fazer na minha duração limitada.

Estou saindo demasiado rápido, quase nem entrei. Assisto à vida entrar e sair com a magnífica urgência com que se transforma o tempo. Tenho feito um trato com o futuro para que ele não se intrometa no presente, limito as ameaças. Não sei representar farsas. Finjo calma, mas falta-me uma paz.

Enquanto quando seja permitido dizer, buscarei quem me escute. Irei procurar a venerada lealdade para amenizar a surpresa de uma vida com inutilidades estimuladas.

Acostumamos acreditar que o amor é único e que às vezes ele fracassa porque se o encaminha inadequadamente. O mundo é demasiadamente amplo para acreditar em tal síntese. Tal redução diz mais da ingenuidade de quem o pensa e cuida.

Enquanto ponho o sossego a prêmio, não lembro que as notícias possam trazer meu fim, deixo-me enganar. Mas, precavido, me impeço o excesso de suspiros, faço entre sonhos descobertas para diminuir a velocidade com que a doçura me enfeitiça.

Embarcados nesta veneração cada um com seus motivos, um por gozo, outro por convicção, um exaltando o feito, outro reparando o dano, escondendo o medo, cada um contando da sua maneira, um como conquistador, outro como companheiro. Saímos como entramos, depois de havermos ali entrado definitivamente, saímos com caprichos negociados, vícios disfarçados segundo o gosto, o momento e a conveniência.

Reconhecer o fim exige toda a energia que sobra. Perder leva consigo muitas decepções, ainda que se invente que se possa buscar a outro ou de outro modo, de nada vale o consolo inventado prometendo paz na hora da morte. Muitos, sem ter como deter a agonia, desaparecem na confusão sem saber como sair dela. Como seguir vivo?

Sinto uma necessidade antiga como se fosse nova, me renovo com antigas e alheias competências como se fossem próprias. Na vida com pressa que me rodeia, machuca,

aparadas as arestas forradas de silêncios, me socorro escondendo-me até banalizar tudo isso que sinto na vida que invento.

A esperança tem mais um endereço. Guardo um segredo, ela se esconde nas celebrações.

Combatidos os preços, guardados os valores, surge a lealdade até dizer-se a algum amigo que se está seguro de haver descoberto algo incomum.

Até onde eu consiga, não farei de meu próximo momento um tempo perdido. Serei seletivo, combinarei doces palavras com doces ouvidos. Investigando novas paciências, inventarei diálogos que somem, que avancem sem medo em direção às novidades recém-inventadas como o pão de cada dia.

Fica adverso confessar em público que sou um sonhador convicto. Não posso reduzir a minha vida a pesadelos incontroláveis, insônias doidas, noites mal dormidas, dias mal vividos. Quanto, à manutenção dos sonhos, são mais difíceis de manter nesses dias de recessão amorosa.

Quando não me abrigue mais a matéria, nada mais serei. Reconheço-me nesse corpo que me contém, a casca e raiz, meu colchão e minha mola. A vida não se importa com minha surpresa, com o que eu sinta nem quanto tempo dure. O equilíbrio que abandona devagar, tira forças, um pouco mais de cada vez chega.

Mutável, meu corpo me prova a inevitável involução. Minha alma insiste em acompanhá-lo. Finalmente, a universalidade se entrega às soluções caseiras, onde eu cuido de mim mesmo. Esse corpo que se encaminha à privação estima um trajeto previsto sempre que possível.

Minha imaginação nunca termina de crescer. O que mais me interessa dizer é que ela se fantasia de livre e conquista a mais humilde das vontades, a mais importante, por ser a mais próxima de alcançar. Extraída da minha essência, se oferece para ser usada. Inventa

gestos, descumpra ordens, mexe no tempo, ocupa somente seus espaços. Abstrata, tolerante, deixa rastros, provocando minhas habituações, planta nostalgias para alcançar a flor da pele, menos separado do que sou. Difunde-se como luz, inventa atitudes, colore com intenções de plantar a beleza e dar encanto às sombras que me guardam. Propõe-se como atitude objetiva para me fazer sonhar.

Difícil seria dizer o que espero dos demais; seria como dar uma sentença, uma despedida sem fim, uma coisa prevista. Não partirei improvisadamente, advirto que terei licença para partir. Não me negarei a ter algumas tentações, algum desafio e alguma resistência para deixar tudo o que amo.

Hoje, tudo isso terá um fim, não poderá ser diferente. Quando esse passado vier, me apresentarei a ele e farei todos os confrontos, ficarei bem informado, ouvirei tudo o que ele me queira dizer, desde que ele traga de volta meus amigos de infância, meus pais, meus irmãos e a casa onde eu nasci. Depois, reconciliarei os tempos todos, mediando os novos e os antigos.

Uma retomada honesta colocaria meus interesses reunidos em um mesmo lugar, o passado ao presente para receber os frutos e as homenagens que por mérito esperam.

Meus sonhos, alguns devorados pela cabeça baixa, foram a pique, diluídos em uma explosão sem propósito.